

Firmina

Na esquina ficava a casa da Dona Marieta, encerrando a mais longa rua da cidade e o oitão dava para uma área imensa, não edificada, um campo aberto, verde no inverno, cinza no verão. Mais adiante a estrada de ferro e lá ao longe, o Alto do Bode, que uma professora generosa desejou inutilmente promover, mudando-lhe o nome para Alto da Boa Vista. E, muito além, como fundo de cenário, a serra azul, encostando no azul do céu.

Entre o Alto do Bode e o trilho do trem, tirando pra direita, ficava a Maxombomba, uma ruinha pobre, mam-bembe, de tristes casas encardidas, sem caiação, feitas de taipa, escoradas umas às outras, numa comovente busca de apoio mútuo, confirmando a humilde solidariedade dos fracos, escondendo a miséria das mulheres de má-vida. Não havia defronte uma árvore, nem um pé de oiti, um "ficus", uma castanhola, nada, que as abrigasse da vista curiosa das honestas senhoras que as olhavam de soslaio, e dos graves senhores que as ignoravam de dia e as freqüentavam de noite.

Diariamente Firmina vinha ao mercado, vinha com outras mulheres da Maxombomba, o vestido acima do joelho, as mangas cavadas, a cintura baixa, no melhor estilo "melindrosa" da época, o salto alto comprometendo-lhe o equilíbrio da marcha, o rosto pintado com exa-

gero, compondo a imagem clássica da prostituta barata. Vinham para pequenas compras, recebiam discretos galanteios dos donos das lojas e palavras provocantes e promissoras dos empregados.

Naquela manhã veio sozinha — e aconteceu o que se podia prever quando Firmina vinha só: começou a bebericar pelas bodegas, passou a confraternizar largamente, derrapou depois para o escândalo, derramando na rua seu famoso vocabulário pornô, descobrindo convivências, traindo nomes respeitáveis, promovendo onda de protesto. Acabou sendo fisgada pela polícia e, na hora solene do “Têje-presa”, Firmina exigiu um cabo do destacamento para acompanhá-la, alegando aos gritos que não era nenhuma vagabunda pra ser levada assim por um praça qualquer. Toda gente saiu às portas, entre curiosa e divertida, diante do espetáculo conhecido: Maria Firmina Gonzaga, a incorrigível reincidente, levantando a roupa, descompondo, ameaçando a humanidade toda, invocando um antigo patrão que era autoridade na capital:

— Vou mandar dizer ao Coronel Cipriano! Vai tudo demitido, corja de bandidos...

A molecada gritava num coro canalha, Firmina respondia com voz pastosa, insultando a mãe de todos, continuando, não obstante, a marcha lenta e forçada em direção à cadeia. Quando saiu da faixa de protesto, entrou noutro plano, apelou para o seu direito de conquista, quis comprar o policial pela simpatia, declarou amor, acariciou, beijou, abraçou, mas tudo sob protesto e ameaça da autoridade, porque, assim de público, o praça mal-amado conservou-se incorruptível, indiferente e superior a todas as tentações e promessas.

Era hora de almoço, Seu Agostinho vinha vindo para casa, esbarrou na esquina da Dona Marieta, para a conversa habitual, aproveitou a ocasião

táculo:

— Rapariga fora do meu espinhaço, esta Firmina. Se eu fosse delegado já tinha expulsado ela daqui, dava-lhe

uma surra, embarcava no trem, mandava pro diabo, que uma mulher desta é uma afronta pra cidade.

Dona Marieta se apiedava, punia, desculpava, explicava, como se, na verdade, estivesse decidindo o destino da rapariga:

— Deixa, Agostinho. A pobre tem também direito de viver. Coitada, nem se pode dizer que tem culpa. O pai morreu daquele jeito, morreu de beber. Me lembro tanto, parece que foi ontem, a gente se cotizou pro enterro, que a viúva estava sem nada. Esta é a terceira das meninas, era a mais bonitinha, ficou com a Tetê, Presidente da Associação das Filhas de Maria. Tetê botou a menina na escola, no catecismo, na igreja, ensinou a renda, o chapéu, calçou, vestiu, fazia gosto. Com a morte da Tetê, a menina não quis voltar pra mãe — já estava se pondo mocinha, ficou por aí se empregando nas casas, deu nessa desgraça. Diz que foram os filhos do José Brito.

Seu Agostinho cofiava o bigode amplo, insistia na acusação: — Já viu raça de Gonzaga prestar? Melhorzinha é a mãe, assim mesmo mente, que não tem quem suporte. Esta Firmina era ruim de nascença, enxerida, respondona, doida por homem, tinha que dar nisto. Tanto que nem a mãe quis e todo mundo sabe o trabalho da finada Tetê pra fazer dela gente.

O trem se anunciava com um apito longo, os animais deixavam a linha, os meninos corriam pra esquina, apostavam o número da locomotiva: é a 7, é a 4. Passava tão perto que o chão tremia.

Firmina ia longe com o soldado, entrara na faixa da lamentação, depois de tentar o protesto e o amor. Agora chorava um choro alto e convulso, procurava comover, convencer pelas lágrimas e se reconhecia e proclamava a mulher mais infeliz do mundo.

Seu Doca chegava também na esquina de Dona Marieta, vinha solene, sólido, digno, imenso de gordo dentro do terno cáqui, o guarda-chuva pendurado no braço — vinha subindo a rampa enxugando com o lenço a mula-

tice do rosto suado. Parou, juntou-se ao grupo que aguardava a passagem do trem. Seu Agostinho comentou para o recém-chegado:

— Tem duas coisas que eu não me canso nunca de olhar: é mulher nua e trem passando...

Firmina ia perto da cadeia margeando a estrada de ferro, incansavelmente seguida pelo policial, deixara de ser o centro de interesse. Caminhava aos trambecões quando, de repente, numa voz de criança perdida, pediu para parar um instante, queria ver o trem passar.

— Deixa, filho, deixa ver o trem!

O policial nem pôde atender para o pedido. Firmina arrancou-se das suas mãos com inesperada violência, soltou-se brusca e decidida e, num relance, numa rapidez de ventania, jogou-se em cima dos trilhos, aos tombos, sem dar tempo para uma providência — nem um gesto pôde ser feito, nem uma palavra pôde ser dita. Já o trem passara.

Foi assim que morreu Maria Firmina que as Gonzagas, da mais velha à mais nova, incluindo a mãe, consideravam oficialmente a vergonha da família.